



8 de Março 2011 DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Condições sociais

Na mesma linha estão as redactoras do jornal *A Juventude*, o qual reclamava o papel das mulheres na educação das crianças. A "mãe culta" desempenharia um papel fundamental na educação dos filhos, para que fossem bons cidadãos, moralmente respeitáveis. O jornal *A Juventude* foi fundado em Dezembro de 1909, em Sines. A sua redacção e propriedade pertenciam a mulheres: Hilda Chalbert, Regina Dulce e Maria Emília Garraz Santos. A primeira pode pertencer ao círculo familiar de António Chalbert, cronista da futura *Folha de Sines*, com artigos de conteúdo cívico e político, ou Miguel Chalbert dos Santos, membro da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Sines em 1919. Regina Chalbert, possivelmente filha de António Chalbert, escreveu também um poema publicado no mesmo jornal, em 1919. A postura pedagógica d'*A Juventude* remete para a valorização da educação, entendida como formação da personalidade, comportamentos e valores da criança, e não da instrução, tida como a comunicação de conhecimentos. Desta forma, a educação abrange todas as formas de desenvolver e formar o indivíduo, enquanto a instrução é um meio para atingir este objectivo.

No editorial do primeiro número, a redacção dirige-se aos leitores, as crianças. Enuncia como objectivos ensinar valores cristãos, invocando Cristo. Esses valores são a virtude, a bondade e a meiguice. Por outro lado, propõe-se ensinar comportamentos, nomeadamente a dignidade, o brio, a confiança - "altivos, sem deixar de ser humanos". Finalmente, tendo como exemplo Cristo, um dos objectivos da educação infantil seria o ensino da solidariedade: "Deixae vir a mim os pequeninos, porque lhes quero ensinar que devemos respeito aos humildes, aos que sofrem; que não temos o direito de lhes infligir a humilhação da nossa superioridade."

Nos jornais *A Folha de Sines*, *Jornal de Sines* e *A Renovação* várias mulheres faziam a sua estreia literária ou publicavam frequentemente as suas obras literárias. Os temas versavam o amor romântico não correspondido (Nazaré Chagas, "Escaravelho Dourado", *Jornal de Sines*, 4 de Novembro de 1900); a saudade pelo homem amado (Jaquelina de Oliveira, *Renovação*, Outubro e Dezembro de 1931 e Maria Cândida, "O Engeitado", *Folha de Sines*, Junho de 1930); a justiça e a solidariedade (Rita Pereira de Matos, *Jornal de Sines*, 3 de Fevereiro de 1901); a solidão romântica e a melancolia (Maria D. L. Mano, "Brados d'Alma", *Folha de Sines*, 15 de Dezembro de 1925). Muitas senhoras e raparigas escreviam ainda sob pseudónimo, decerto para não ferir susceptibilidades de pais e maridos.

Várias mulheres distinguiram-se ainda por desempenhar profissões mais habituais entre os homens. Sofia Margarida da Graça Afreixo exerceu medicina em Sines entre 1906 e 1910. Filha de José Maria da Graça Afreixo, era natural de Lisboa. O pai, oriundo de Ovar, foi professor de instrução primária e secundária em Serpa entre 1873 e 1881, tendo mesmo criado a Escola Familiar Serpense. Unia à profissão uma intensa vida associativa e política, e travou amizade com João de Deus. Sofia nasceu em Lisboa, embora se saiba que em 1883/1884 o pai se encontrava em Coimbra para se formar em Direito. Desta forma, terá nascido antes da chegada da família a Serpa.

O ambiente familiar de Sofia Afreixo foi propício à sua formação intelectual, dado que o pai mantinha uma vida intelectual activa, com a publicação de artigos e monografias. Sofia licenciou-se em 1897 na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, depois de uma frequência escolar de cinco anos. Em 1899 defendeu uma dissertação arguida por Miguel Bombarda intitulada *Algumas considerações sobre a posição da mulher em trabalho de parto*. É possível que, como outras médicas suas contemporâneas, nomeadamente Adelaide Cabete, se dedicasse somente às chamadas "doenças das mulheres", ao mesmo tempo que não ignorava a vida familiar. No diário de Adelino de Oliveira, escrivão da Junta de Paroquia, regedor e Juiz de Paz em Sines entre 1899 e 1910, este registou que "da meia noite do dia 12 para o dia 13, teve a Excelentíssima Senhora D. Sophia uma menina." Sem que haja uma consulta aos Arquivo Distrital de Setúbal para confirmar este nascimento, não podemos dizer que a mãe é Sofia Afreixo, mas fica a hipótese.



1909, Primeiro número da *Juventude*. Exemplar existente na Biblioteca Nacional de Portugal.

Nome do Autor	Data	Local de Publicação	Nome
António da Silva Lima Pádua	21 Julho	Batavium Dapuz	Miguel Bombarda, Carlos Lopes, Carlos Pereira, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Castelo de S. Pedro	Miguel Bombarda, Batavium Dapuz, Soares (Gale)
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Castelo de S. Pedro	Batavium Dapuz, Carlos Lopes, Alfredo de Costa, Francisco Gomes
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares
António Rodrigues Pádua	21 Julho	Alfama de Lisboa	Alfredo de Costa, Carlos Lopes, João Soares

Menção à dissertação de Sofia Afreixo no *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa*, anos 1892-1893 e 1898-1899, Biblioteca-CDI / Núcleo de Preservação e Conservação da Faculdade de Medicina de Lisboa.



8 de Março 2011
**DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**

As mulheres remediadas

O Arquivo Municipal de Sines conserva uma série documental muito interessante para o estudo das condições sociais: os requerimentos para a concessão de guias de transporte dos doentes pobres para os hospitais. Com base num requerimento, num atestado médico e um atestado de pobreza da Junta de Freguesia, a Câmara Municipal de Sines deferia o pagamento do transporte dos doentes até aos Hospitais Cívicos de Lisboa, ao Instituto Oftalmológico Gama Pinto, ao Asilo Psiquiátrico Miguel Bombarda e ao Instituto Português de Oftalmologia. Entre 1915 e 1946 é possível caracterizar os utentes deste serviço a partir da série Requerimentos para a obtenção de guias de transporte. Para esta exposição consideraram-se somente os anos de 1933-1934, como amostragem.

Nos anos 1933-1934 os pedidos das mulheres (53%) são superiores aos dos homens (47%). Na sua maioria, estas mulheres são solteiras (69%) e estão maioritariamente na idade activa (58%). A indicação das profissões é vaga: quarenta e duas declaram-se domésticas. Sob esta designação poder-se-ia incluir actividades como a lavagem de roupa ou os trabalhos domésticos. Apenas duas mulheres têm ocupações definidas, uma costureira e uma criada de servir. Nos requerimentos de 1940-1941 surgem ocupações mais diversificadas, nomeadamente jornaleiras, aprendizes de costureiras e trabalhadoras rurais.

Muitas destas mulheres acabaram por constituir boa parte dos habitantes do sítio das Índias. Este subúrbio da vila era, na primeira metade do século XX, um extenso baldio municipal. Os habitantes menos favorecidos solicitavam à Câmara licença para construir aí "barracas" ou "cabanas de madeira" com telhados de "estôrmo" e, por vezes, de telha. Cinco das mulheres que em 1933-1934 solicitavam transporte para os hospitais pediram também licenças para a construção de barracas no sítio das Índias.

Em 1942-1943, período em que o país se encontrava em dificuldades económicas e sociais decorrentes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, dos dezasseis pedidos à Câmara para edificar as barracas, setem pertencia a mulheres. Cinco eram solteiras e domésticas, apenas uma era casada e outra viúva. Era provável que com as mães vivessem também com os filhos e os companheiros. De facto, há exemplos de mulheres solteiras sem meios para obter uma habitação condigna com filhos pequenos. É o caso de Balbina da Conceição Silva, nascida por volta de 1895. Tem um filho, Jorge Leandro Costa, para quem pede, em 24 de Março de 1934, um atestado de pobreza para uma guia de transporte. Uns anos mais tarde, em 1946, encontra-se três mulheres designadas nos documentos como "indigentes", ou seja, com necessidades básicas no que respeita à alimentação e ao vestuário. Têm entre 28 e 38 anos e todas são solteiras.



1977 As últimas lavadeiras do Rio do Ouro e Poça da Maria Claudina".
Colecção Eugénia Amador. PT/CMSNS/CLEA.



Bairro Marítimo. Colecção fotográfica da Câmara Municipal de Sines.
PT/CMSNS/CMSNS/CI



8 de Março 2011
**DIA INTERNACIONAL
 DA MULHER**

As mulheres remediadas

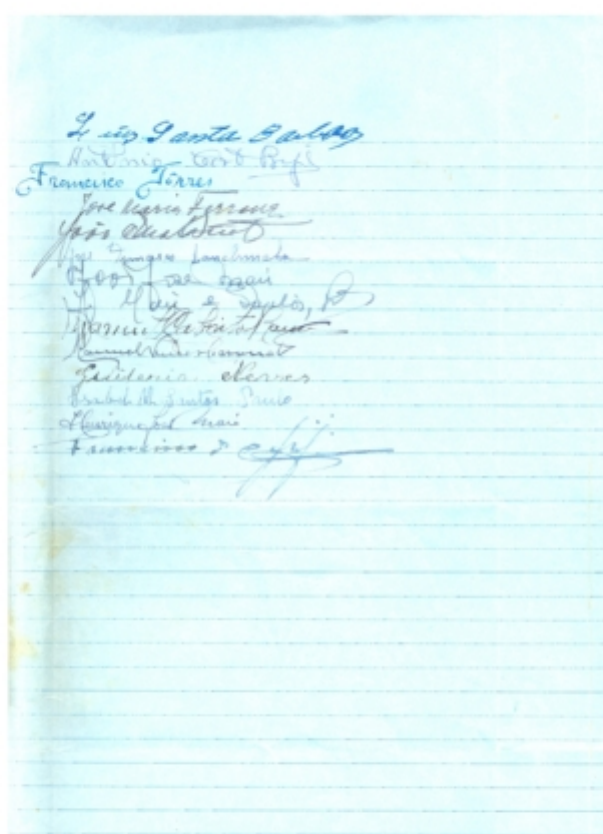
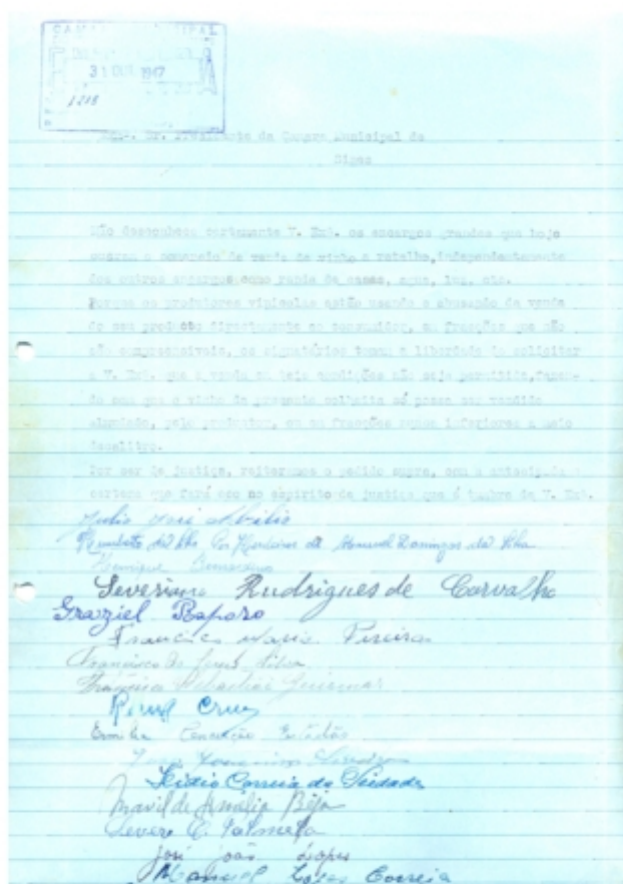
Várias mulheres conseguiam ser autónomas com profissões modestas. O comércio era uma das vias de sobrevivência. Maria Bárbara Semião, Maria da Conceição Nunes Soares, Carolina Sá e Perpétua Georgina Castro eram comerciantes em 1915. Apenas uma, a viúva do Sr. Manuel Grilo, não está individualizada, sendo identificada através do nome do marido. No entanto, todas dominavam a escrita e tinham suficiente relevância social para assinar um abaixo-assinado em conjunto com 72 outros proprietários e comerciantes para propor que a feira anual fosse realizada não no sítio da Senhora das Salas mas na Praça da República, pelo seu mais fácil acesso. Da mesma forma eram proprietárias de mercearias e estabelecimentos de bebidas, e defendiam os seus interesses comerciais com os homens. Outras mulheres, como Carolina Amaral Santa Bárbara, procuravam defender o direito ao descanso semanal, com mais 15 empregados do comércio. Mas a presença destas mulheres era ainda reduzida, apenas quatro ou cinco assinavam entre setenta homens.

A produção e a venda de géneros agrícolas constituíam outras oportunidades económicas abertas às mulheres. Em 1926 Lúcia Pinela, Maria Joana, Maria Rosa e Catarina Maria também exigiam, com outros 71 colegas, que o local do mercado regressasse à Praça Conselheiro Tomás Ribeiro em vez de se realizar no Largo do Bocage. Estas mulheres, no entanto, não conheciam a escrita e solicitaram a um homem que por elas assinasse. Perpétua Maria, viúva e residente nos Chãos, era proprietária de um rebanho.

Uma outra profissão, numa área tradicionalmente atribuída às mulheres e típica de sociedades rurais, era a de parteira. As parteiras eram essenciais em períodos de acesso difícil à saúde e aos hospitais, e tinham conhecimentos vedados aos homens. Durante este período a Câmara Municipal procurou atrair as parteiras para Sines através dos aumentos dos salários, para que não trocassem a vila por Santiago do Cacém.

Conclusão

Na primeira metade do século XX a presença das mulheres na sociedade portuguesa oscilou entre a participação quase equiparada à dos homens com a de submissão aos maridos e pais. As mulheres que se descobrem nos documentos do Arquivo Municipal de Sines e que esta exposição procurou fazer falar procuraram a sua sobrevivência e da sua família. Só as conhecemos por intermédio dos documentos oficiais, escritos através da mediação dos homens. Mas o Arquivo Municipal está disponível para registar os testemunhos de todas as mulheres do concelho que queiram marcar a diferença. Visitemos.



1947, Outubro, 31, Sines. Os comerciantes de vinho a retalho, entre os quais Emília Conceição Estadão, Mavilde Amélia Beja, Quitéria Neves e Isabel M. Santos Paulo, solicitam que o vinho da presente colheita só possa ser vendido almudado, pelo produtor ou em frações nunca inferiores a meio decalitro. PT/CMSNS/CMSNS/OF/7.A/1.